

PRAGMATISMO: UMA FILOSOFIA DA AÇÃO

Edna Maria Magalhães do Nascimento¹

RESUMO: O presente artigo discute a contribuição dos filósofos americanos William James, Charles Sanders Peirce e John Dewey acerca da constituição de uma filosofia da ação: *o pragmatismo*. O estudo apresenta a cena filosófica de surgimento do pragmatismo, um estudo do conceito de pragmatismo e realiza uma caracterização dos chamados pragmatistas clássicos, especialmente, o debate que eles promovem com as vertentes racionalistas e idealistas. A finalidade é a apresentação do pragmatismo como alternativa às querelas filosóficas intermináveis que não contribuem para a efetiva ação do pensamento sobre o mundo. Deste modo, aponta-se uma alternativa para pensar uma educação de base pragmatista.

Palavras-chave: Pragmatismo, experiência, ação, educação.

ABSTRACT: This article discusses the contribution of American philosophers William James, Charles Sanders Peirce and John Dewey about the creation of a philosophy of action: pragmatism. The study presents the philosophical stage for the emergence of pragmatism, a study of the concept of pragmatism and a characterization of so-called classical pragmatists, especially, they promote the discussion with the rationalistic and idealistic aspects. The purpose is the presentation of pragmatism as an alternative to endless philosophical disputes that do not contribute to the effective action of thought about the world. Thus, it points to consider an alternative to a basic education pragmatist.

Keywords: Pragmatism, experience, action, education

William James em suas conferências sobre pragmatismo fazia questão de reiterar que o pragmatismo é “um novo nome para os velhos modos de pensar”. Isso não é retórico. O pragmatismo guarda em sua essência a própria designação que os antigos dão à filosofia. Ou seja, uma atividade intelectual altamente comprometida com os temas e os problemas concretos da humanidade. Uma atividade que é medida pela capacidade de o pensamento operar no mundo. Ele argumentava que não havia algo essencialmente novo sendo apresentado, pois o pragmatismo se harmoniza com muitas filosofias antigas. Desse modo,

[...] Sócrates foi adepto do método pragmático. Aristóteles empregou-o metodicamente. Locke, Berkeley e Hume fizeram contribuições momentâneas à verdade por seu intermédio. Shadworth Hodgson insiste em que as realidades são somente o que sabemos delas. Esses

¹ Professora da Universidade Federal do Piauí – UFPI
Departamento de Fundamentos da Educação – DEFE/CCE
Doutoranda em Filosofia pela UFMG
magaledna@yahoo.com.br

precursores do pragmatismo, porém, usaram-no de maneira fragmentária: apenas o preludiam. Não foi senão em nossa época que se generalizou, tornou-se consciente de uma missão universal, aspirou a um destino conquistador. Acredito nesse destino, e espero poder terminar transmitindo-lhes toda a minha fé (JAMES, 1989, p.19).

O termo *pragmatismo*, derivado do grego *prágma*, significa ‘fazer’, denota *ação, ato ou caso*. Conforme a antropologia pragmática de Kant, pragmatismo é a ética prática. Na definição kantiana, o horizonte pragmático representa a adaptação do conhecimento à finalidade moral, aos fins da vida prática, do agir.

Charles S. Peirce chegou ao pragmatismo filosófico refletindo sobre a **Crítica da Razão Pura**, de Kant. Ele concordava com Kant que o pragmatismo “*é estar em relação com algum objetivo humano*” (PEIRCE, 1983). Partamos, portanto, do conceito de pragmatismo com estes elementos da versão kantiana, mas entendendo que na formulação de Peirce o pragmatismo assume outra tradição filosófica, bem distinta dos racionalismos e dos idealismos da filosofia continental. Assim, aproveitaremos esta finalidade situando o pragmatismo como a maneira como o conhecimento, o saber racional, esta relacionado com a ação humana, com a conduta humana, atribuindo-lhe uma finalidade racionalmente prática.

O pragmatismo surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX e começo do século XX, mais precisamente, em 1870, quando um grupo de intelectuais de Cambridge, Massachusetts, se reunia para discutir filosofia. Esse grupo, de maneira irônica se autodenominou The Metaphysical Club [Clube Metafísico] - uma alusão crítica à metafísica clássica e ao mesmo tempo uma tomada de posição em defesa de uma metafísica pragmática. O grupo incluía, entre outros pensadores, William James, Charles Sanders Peirce, Oliver Wendell Holmes Jr. e Nicholas Saint John Green.

São diversas as versões e caracterizações do pragmatismo, entretanto em que pese essas distinções entre seus propositores, os pragmatistas têm em comum, dentre outras questões: a oposição às filosofias especulativas; uma revisão do empirismo; a superação da filosofia contemplativa pela racionalidade científica; a objeção ao ceticismo, bem como a formulação de uma nova concepção de *verdade* (SHOOK, 2007). Foi justamente este espírito que mobilizou os intelectuais de Cambridge, nos anos 70, uma época em que o agnosticismo campeava e a metafísica continuava presa às questões da imutabilidade do ser e das evidências racionais independente da experiência.

O pragmatismo ganhou adepto em todo o mundo, a escola se expandiu e tem

representantes em vários países. Além dos representantes estadunidenses de que estamos tratando, o pragmatismo obteve referência na Inglaterra através de F. C. S. Schiller (1864-1937), filósofo que após temporada na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, retornou à Inglaterra para desenvolver seu pragmatismo humanista, influenciado por James. Na França, o pragmatismo também obteve bastante aceitação, vários pensadores concordavam intelectualmente com os princípios do pragmatismo, dentre eles destacamos Henri Bergson, Maurice Blondel, Émile Boutroux, Pierre Duhem, Henri Poincaré e Georges Sorel. Na Itália, precisamente em Florença, formou-se um grupo forte e bem articulado de pragmatistas que ficou conhecido pela publicação, em 1903, da revista **Leonardo**, fundada por Giovanni Papini e Giuseppe Prezzolini. Além dessas referências, a filosofia de Dewey e Mead teve um grande impacto num ramo da filosofia alemã – *a antropologia filosófica*.

O Pragmatismo de Peirce

Charles Sanders Peirce parte de uma abordagem semiótica para caracterizar que a verdade é uma questão de correspondência e coerência entre os fatos e as nossas crenças. Ele escreve que em meio ao contexto filosófico marcado pelo agnosticismo, com tanta soberba contra todas as metafísicas, costumavam se reunir às vezes no seu gabinete e outras no de W. James, com o propósito de trabalhar a doutrina metafísica muito mais pelo lado científico (PEIRCE, 1983).

Tanto Peirce quanto James estavam conscientes de que a metafísica poderia ser desenvolvida com base na vertente científica. Entretanto, Peirce concebia a sua filosofia muito mais como um método do que como uma teoria da verdade, de maneira que ele assegurava que não pretendia desenvolver uma teoria metafísica, o seu pragmatismo deveria ser uma espécie de *técnica auxiliar à compreensão dos problemas filosóficos e científicos*. O desejo era a formulação de um método que pudesse assentar as disputas metafísicas.

Desse modo, o pragmatismo desenvolveu a opinião que a metafísica seria amplamente clarificada quando os filósofos comessem a adotar a medida dos efeitos práticos para se obter a concepção total do objeto. Com essa expectativa difundiu-se a formulação preciana na qual se esperava pôr a termo “*às disputas filosóficas que a mera observação dos fatos não pode decidir, e na qual cada parte afirma que a outra está*

errada” (PEIRCE, 1983).

Os intelectuais de Cambridge, tendo a frente o próprio Peirce, compreendiam que o debate filosófico marcado pelo emaranhado de doutrinas e disputas teóricas não assegurava um consenso ou acordo entre as formulações, de maneira que, como consequência disso se obtinha um fazer improdutivo marcado por disputas filosóficas vãs. Para superar as contendas metafísicas seria necessária a adoção de outro método em filosofia. O pragmatismo teria esse desafio.

Peirce é considerado fundador do pragmatismo. Ele tomou de empréstimo a designação feita por Alexandre Bain (1818-1903) de que as crenças são hábitos de ação. Conforme Bain², uma crença é “aquilo com base em que um homem está preparado para agir”. Ele propunha abandonar a visão herdada de que as crenças são puramente intelectuais e passa a situá-las como sendo fases da nossa vontade e tendências que temos para agir. Tanto Peirce, Green e Wright passaram a usar nas suas reflexões a teoria das crenças de Bain cujo corolário pode ser traduzido com a máxima: “ação é a base e o último critério da crença.” Ele afirmava que a crença é uma atitude ou disposição que nos leva a agir.

Desse modo, o pragmatismo de Peirce pode compreendido como sendo dividido em dois períodos (DE WAAL, 2007). O primeiro é o período relativo à afirmação da famosa máxima pragmatista, que foi popularizada na versão jamesiana vinte anos mais tarde (1898), mas que originalmente está designada nos seguintes termos:

Para determinar o sentido de uma concepção intelectual devem-se considerar as consequências práticas pensáveis como resultantes necessariamente da verdade da concepção; e a soma dessas consequências constituirá o sentido total da concepção.(PEIRCE, 1983, p. 7)

A partir de então ele passou a enfatizar em suas reflexões intelectuais a necessidade de considerar os efeitos práticos que se pode pensar como produzidos pelo objeto de nossa concepção, de tal maneira que a concepção desses efeitos é a concepção total do objeto. A máxima pragmatista de Peirce pode ser compreendida muito mais como um critério de significação do que como uma teoria da verdade. Esta é possivelmente a diferença entre Peirce e James que leva este último a reformular a máxima vinte anos depois. Peirce concebe o pragmatismo como um método capaz de

² Alexander Bain (1818-1903), filósofo e psicólogo escocês, publicou *The Senses and the Intellect* (1855) [Os Sentidos e o intelecto] e *The Emotions and the Will* (1859) [As emoções e a vontade], textos pioneiros da psicologia inglesa.

elucidar os significados obscuros do exame e seus efeitos na condução humana (PEIRCE, 1983). Na sua ótica, um método que pudesse determinar os significados das proposições e pudesse determinar também que qualquer concepção intelectual depende do teste de suas consequências práticas, ou seja, daquilo que pode resultar, sendo que, necessariamente, a *verdade* dessa concepção é a soma das consequências que constituirá todo o significado da concepção (PEIRCE, 1983).

Peirce procurou mostrar através de sua máxima pragmática um caminho ou um método para determinar ou fixar o significado de nossos conceitos; era uma contribuição a uma teoria do significado. Esse período da filosofia de Peirce pode ser sintetizado através de seus dois memoráveis ensaios, respectivamente, **The fixation of Belief** [A fixação das Crenças] (1877) e, **How to Make Our Ideas Clear** [Como tornar claras nossas ideias] (1878), ambos da série **Illustrations of the Logic of Science** [Ilustrações da Lógica da Ciência]. Neles Peirce marca, em linhas gerais, a doutrina do pragmatismo, afirmando que as nossas crenças são, na verdade, regras de ação, pois, para evidenciarmos o nosso pensamento, é preciso conhecer os efeitos práticos positivos dos objetos sobre as condutas humanas. Embora Peirce não tenha usado diretamente o termo pragmatismo nestes ensaios, eles contêm as bases da doutrina pragmatista.

No ensaio **The fixation of Belief** [A Fixação das Crenças], Peirce desenvolve uma consistente argumentação contra a filosofia cartesiana. Comprometido com uma perspectiva filosófica distinta da metafísica clássica, ele ataca o texto emblemático dessa tradição, ou seja, **As Meditações**, de René Descartes e mostra a necessidade de uma profunda reavaliação da filosofia, uma vez que é possível asseverar os limites do pensamento, sua impossibilidade de conhecer mediante um conceito absolutista, tal qual o de ideias claras e distintas, ideias “puras” abstraídas de qualquer experiência, sem qualquer constrangimento externo. Desse modo, destaca quatro objeções que o ajudarão a desenvolver o tema da fixação das crenças (PEIRCE, 1992). Peirce advoga que: não temos poder de intuição; não temos poder de introspecção; não podemos pensar de outra maneira a não ser por meio de signos e não temos concepção nenhuma sobre o absolutamente incognoscível.

O segundo período da sua produção intelectual começa com a virada do século XIX para o século XX, em plena fase de popularidade do pragmatismo. Peirce sente-se desapontado com a interpretação corrente do pragmatismo e se esforça para divulgar sua própria versão. Buscando se distinguir de seus contemporâneos denomina sua filosofia

de *pragmaticismo*. Em 1903, Peirce proferiu seis conferências sobre pragmatismo em Harvard e dois anos mais tarde publicou: **What Pragmatism Is**, [O que é Pragmatismo], **Issues of Pragmaticism** [Questões de Pragmaticismo] e **Prolegomena to an Apology of pragmaticism** [Prolegômenos a uma apologia do pragmaticismo]³. Desde então rejeita o termo *pragmatismo* de maneira que, no ensaio **What Pragmatism Is (1905)** [O que é o Pragmatismo], Peirce abandonou de vez o termo. Ele acreditava que mediante a profusão de termos e o seu uso indevido seria mais adequado preservar a sua filosofia adotando a denominação de *pragmaticismo*. A opção em adotar uma nova nomenclatura ao termo se deve a sua intenção de diferenciar-se das demais versões de sua época, mais precisamente, o pragmatismo de William James e a versão de F. C. Schiller.

Peirce caracterizou o seu pragmatismo em duas vertentes: na primeira, o *pragmatismo metodológico*, que é basicamente uma teoria do significado, e, na segunda, o *pragmatismo metafísico*, a teoria da verdade e da realidade.

William James: o pragmatismo como método para assentar as disputas metafísicas

Enquanto Peirce caracterizou o pragmatismo como um método para determinar os significados das proposições e se amparou numa doutrina semiótica do conhecimento, William James ampliou o significado da verdade, trouxe para o pragmatismo a doutrina humanista e demarcou a sua condição de verdade, isto é, a *verdade* corresponde ao que é vantajoso ao pensamento ou àquilo que gera uma relação satisfatória com a realidade, de tal forma que a vantagem e a satisfação estejam vinculadas ao que é *útil*, ao *prático*.

Em outras palavras, a verdade corresponde ao que é *bom* (JAMES, 1979). A verdade deve ser útil se considerada em termos práticos, os seus efeitos são as sensações que devemos esperar e as reações que devemos preparar. O percurso intelectual de James vai dos estudos da fisiologia à psicologia, na qual escreveu sua obra principal *Princípios de Psicologia* (1890) e desta à filosofia. James é um autor importante para uma investigação sobre a obra de Dewey, pois são vários os aspectos do pragmatismo

³ Conforme Cornelis de Waal, Peirce passa a viver isolado na pequena cidade de Milford, Pensilvânia e sem sequer alunos seus para levar suas ideias adiante, assim, as últimas tentativas de impor o seu pragmaticismo exerceu pouco efeito sobre o desenvolvimento do pragmatismo para a maior parte do século XX (DE WAAL, 2007, p. 50).

desses autores que se unificam, como veremos a seguir.

Os pragmatistas clássicos aqui trabalhados chamam atenção para a *experiência*. Peirce leva em conta a experiência ao cabo da investigação. Tanto James quanto Dewey darão à experiência a função de teste da verdade, é nela que estão dadas as condições de verdade. James apresenta o pragmatismo como um método e uma teoria da inquirição. Ele foi o primeiro a usar o termo pragmatismo de forma impressa. Assim, por ocasião da Conferência **Philosophical Concept and Pratical Results** (1898) [Concepções Filosóficas e Resultados Práticos], ele apresentou o *pragmatismo* à comunidade intelectual norte-americana atribuindo a sua autoria a Charles Peirce. Nessa conferência James mostrou qual o método a ser adotado por aqueles que almejam a verdade. Para ele, deve-se ter em mente o *princípio do pragmatismo*. O que segue é uma adaptação da máxima peirciana elaborada para servir aos propósitos da *Psicologia* de James:

Para atingir uma clareza perfeita em nossos pensamentos em relação a um objeto, pois, precisamos apenas considerar quais os efeitos concebíveis de natureza prática que o objeto pode envolver – que sensações devemos esperar daí e, que reações devemos preparar. Nossa concepção desses efeitos é, para nós, o todo de nossa concepção do objeto, na medida em que essa concepção tenha afinal significação positiva (JAMES, 1979, p.18).

William James, em oito conferências sob o título de **Pragmatism** [Pragmatismo] (1907), apresenta a sua sistematização filosófica do pragmatismo. Muitas ideias desenvolvidas por James nessas conferências são compartilhada por Dewey e vice-versa. Ele se refere ao pragmatismo tanto como método quanto como uma teoria da verdade e destaca os dilemas vividos pela filosofia entre as disputas de “temperamentos” (JAMES, 1979). A filosofia é, ao mesmo tempo, a mais sublime e a mais trivial das empreitadas humanas.

Nessa exposição, a partir da primeira conferência, James considera que a adoção do método pragmático traria como consequência uma nova postura em termos filosóficos, isto porque ele considera que o predomínio de uma posição filosófica em detrimento de outra, isto é, os dualismos que são recorrentes na filosofia ocidental são provocados por questões de “temperamento” humano. As intermináveis disputas filosóficas, as divergências que acompanham as diferentes opções teóricas podem ser explicadas pelas disputas entre os distintos temperamentos. A história da filosofia é a história da colisão de temperamentos humanos (JAMES, 1979).

Diante disso, têm-se diferentes tipos de sensibilidade ou de temperamentos que

configuram os dilemas e conflitos que caracterizam as disputas filosóficas. Esses antagonismos de pensamento podem ser comparados aos seguintes tipos de espíritos, *ternos* e *duros*. Da tradição racionalista se deduz o *espírito terno* e da tradição empirista e materialista o *espírito duro*. Assim, a tradição filosófica legou esses temperamentos em duas distintas áreas: uma representada pelo temperamento *principista*, ou seja, o temperamento dos *racionalistas*, que seguem princípios; e outra pelo temperamento dos espíritos materialistas, ou seja, pelos *empiristas*, que seguem *fatos*. O pragmatismo surge como alternativa ao dilema racionalismo versus empirismo.

A filosofia pragmática, conforme James, é uma via intermediária entre as vias opostas do racionalismo e do empirismo, numa tentativa de conciliar divergências. James reivindica uma filosofia que não somente exercite os poderes da abstração intelectual, mas que estabeleça alguma conexão positiva com o mundo real, o mundo de vidas humanas finitas (JAMES, 1979). Assim, o método pragmatista consiste num instrumento para assentar as disputas metafísicas, uma vez que de outro modo, se estenderiam interminavelmente.

A questão adotada pelos pragmatistas é diferente dos filósofos especuladores e fundacionistas, uma vez que estes defendem uma natureza intrínseca da verdade, uma substância que precisa ser revelada pela razão, pois está encoberta por meio de um “véu”, ou pelas sombras da “ignorância empírica”. James reformula essa questão, descartando a ideia de encontrar uma verdade face a face e formula a seguinte questão: “*que diferença prática faz se eu adotar uma perspectiva ou outra?* Na verdade, o que importa são as aplicações na vida prática dos conhecimentos e das crenças (JAMES, 1979).

Ao retomar Peirce para esclarecer a doutrina do pragmatismo, James enfatiza que ele depois de salientar que nossas crenças são realmente regras de ação, destacou que para desenvolvermos o significado de um pensamento necessitamos apenas determinar que conduta ele está apto a produzir, ou seja, o seu resultado é aquilo que para nós é o seu único significado. Assim, precisamos considerar que efeitos cabíveis de natureza prática o objeto deve envolver, que sensações devemos esperar daí e que reações devemos preparar (JAMES, 1979).

Nossa concepção do objeto, seus efeitos, é para nós a concepção do todo do objeto, na medida em que essa concepção tenha uma significação positiva. Este é o princípio do pragmatismo formulado por Peirce através de sua máxima já anunciada, e

que passara despercebida por mais de vinte anos até que James trouxe à baila na Universidade da Califórnia.

O que significa o método pragmatista: mais do que um resultado particular, o método pragmático significa uma atitude, uma orientação. James amplia seu significado dando-lhe a conotação de método como uma “atitude de orientação” (JAMES, 1979). A atitude de olhar além das primeiras coisas, dos princípios, das “categorias”, das supostas necessidades e de procurar pelas últimas coisas, ou seja, seus frutos, as suas consequências, os fatos (JAMES, 1979).

James apresenta a lógica indutiva para explicar o pragmatismo enquanto *teoria da verdade*. Neste sentido, expõe o cenário de desenvolvimento das teorias científicas, mostrando a sua evolução e demonstrando como essas explicações, isto é, como as próprias leis da natureza são resultados de contendas científicas; de maneira que diante da idéia de *cientificações* do mundo, essas leis são consideradas aproximações com a realidade e não *espelho do mundo*. A multiplicidade das formulações enseja novas contendas teóricas, desse modo, essas teorias não são transcrições da realidade, são traduções do mundo pela linguagem humana (JAMES, 1979).

James adentra a teoria da verdade citando Schiller e Dewey acerca de suas formulações sobre ideias e crenças. Nesse contexto, James mostra claramente a aproximação entre a filosofia e a ciência postulada por Dewey. “As idéias não são senão partes de nossa experiência, elas tornam-se verdadeiras na medida em que nos ajudam a manter relações satisfatórias com outras partes da nossa experiência”(JAMES, 1979, p.22).

A verdade deriva de ideias e crenças, que ao se consolidarem através de nossas experiências tornam-se “*verdades velhas*”, pois novas crenças surgem estabelecendo relações mais satisfatórias com a realidade, ou seja, isto ocorre quando uma nova verdade surge como resultante do somatório das experiências anteriores. Assim, ele resgata a ideia de que o pragmatismo é mais do que um método, *é uma atitude, uma orientação*, uma teoria da verdade. Desse modo, para James, o pragmatismo sente-se mal longe dos fatos; não é confortável ao pragmatismo atuar na base das abstrações, o pragmatismo é uma teoria da complexidade, como se diz *pós modernamente*, pois, enquanto o racionalismo se apegava à lógica e o empirismo se agarra aos sentidos externos, o pragmatismo está disposto a “tomar tudo”.

Dewey: o pragmatismo instrumentalista.

John Dewey não era um membro do clube metafísico de Cambridge. Enquanto seus contemporâneos do referido clube, escreviam, publicavam, ministravam conferências sobre a filosofia, Dewey estava engajado no seu projeto educacional. A trajetória de John Dewey é bem distinta dos dois pragmatistas apresentados (Peirce e James). Sabe-se que antes de aderir ao pragmatismo filosófico Dewey já poderia ser considerado um filósofo pragmatista, e isto pode ser dito em função da aplicação da *ação* e da *atividade* em sua filosofia da educação. Chegou ao pragmatismo pela via social e política decorrente do seu engajamento nas questões comunitárias⁴. Nosso autor foi exaustivamente citado por Richard Rorty, na sua obra seminal de inauguração do neopragmatismo, **Philosophy and the Mirror of Nature** [A Filosofia e o Espelho da Natureza] (1979) como um filósofo terapêutico, denominação que Rorty dá àqueles pensadores que contribuíram com novos mapas do terreno em termos filosóficos.

Não há uma separação epistemológica entre sua obra educacional e sua obra filosófica, no entanto, vamos considerar assim para efeitos meramente explicativos. Sua obra educacional⁵ se estende durante toda a sua vida, seja nos escritos, nas conferências, nas experiências pedagógicas, nas reformulações curriculares, nos princípios revolucionários da educação nova. Para ser fiel ao postulado pragmatista o qual defende, Dewey articula as ações educacionais com os princípios filosóficos do pragmatismo. A Educação é o espaço de aplicação da doutrina pragmatista, é o laboratório de aprendizagem da democracia, de aprendizagem do pensar, conforme Dewey.

Dewey reflete em sua obra um homem de seu tempo muito preocupado com as

⁴ Em Chicago Dewey se envolveu ativamente com a Hull House - um estabelecimento social para melhorar as condições sociais da empobrecida classe trabalhadora. A Hull House era uma instituição de ensino superior que inicialmente tinha um currículo de humanidades e cultura geral e posteriormente foi adaptada para atender as necessidades da sociedade industrial. Pode se dizer que a instituição foi pioneira na educação progressiva. Em 1896, Dewey ajudou a fundar a Escola Laboratório da Universidade de Chicago. Uma escola planejada para testar suas teorias pedagógicas e psicológicas e em 1937 presidiu a comissão para investigar as acusações de conspiração feita pelo governo soviético contra Leon Trotsky, além de outras causas políticas e sociais no cenário da vida americana. (WAAL, 2007, p. 154)

⁵ **Meu Credo Pedagógico** (1897); **A Escola e a Sociedade** (1899); **Como Pensamos** (1910); **Democracia e Educação** (1916); **Experiência e Educação** (1938), dentre outras.

questões culturais e com formação moral e educacional do povo. O ambiente cultural⁶ em que viveu é testemunha da sua constante preocupação e de seu interesse por uma filosofia mais engajada aos temas sociais e políticos. A sua obra, eminentemente filosófica, complexa e de escrita hermética, pode ser caracterizada pelo constante busca de outra metafísica, especialmente a atenção com a noção de experiência, de natureza, com novas condições de verdade em oposição aos temas clássicos da filosofia. Ela começa a ser produzida no início do século XX, com os **Studies in Logical Theory** [Estudos em Teoria Lógica], em 1903; **Reconstruction in Philosophy** [Reconstrução em Filosofia] (1920); **Experience and Nature** [Experiência e Natureza] (1925) e **Logic: The Theory of Inquiry** [Lógica: Teoria da Inquirição] (1938).

O seu legado para a tradição pragmatista é constituído, em grande parte, pelo seu engajamento em um amplo programa de investigação, organicamente concebido, escrevendo e refletindo sobre temas que vão desde questões metafísicas às questões sociais, políticas e educacionais, as artes e a religião. Dewey contribuiu para a consolidação do pragmatismo ao postular a luta contra as posturas dos dualismos da filosofia ocidental, tendo como traço principal a sua opção antimetafísica, na acepção clássica.

Segundo George R. Geiger, não se pode negar os equívocos que as pessoas têm fabricado acerca das ideias de Dewey. Muito do que se escreve com o título de *deweyanismo* pouco tem a ver com a filosofia do homem chamado John Dewey. Ao desenvolver uma linguagem não técnica em filosofia e discutir temas educacionais e sociais, Dewey se submeteu a uma série de interpretações estereotipadas e vulgares da sua obra. Assim, categorias como *aprender fazendo*, *educação por projetos*, *a escola centrada na criança*, *interesse e esforço*, dentre outras que dominaram a cena pedagógica, são interpretadas com imprecisões e distorções(GEIGER, 1959).

Muitos críticos não aceitam que a filosofia da educação de Dewey pode figurar ao lado de grandes expressões da pedagogia como Jean Jacques Rousseau. Preferem seguir atribuindo-lhe estereótipos: há vários clichês relacionados ao pragmatismo de Dewey, tais como *a verdade é o que funciona* ou a crítica de que ele desenvolveu uma

⁶ É inevitável referenciar, para compreender Dewey, a conjuntura da época marcada pela 1ª Guerra Mundial (1914-1918); a Revolução Russa (1917); a emergência de regimes totalitários na Europa: o fascismo na Itália (1922); o nazismo na Alemanha (1933), a Guerra Civil Espanhola (1933-1939); a 2ª Guerra Mundial (1939- 1944); a criação da Organização das Nações Unidas – ONU (1945); a fundação do Estado de Israel (1948), etc. É por conta desse cenário que ele almeja uma mudança na natureza do conhecimento e a defesa de uma filosofia operativa (DEWEY, John, 1959, p. 129).

“filosofia vulgar tipicamente americana” ou até mesmo “uma filosofia do imperialismo capitalista”. Em meio a tudo isso aparecem também alguns rótulos mais sofisticados, como os de *materialista*, *realista*, *relativista moral*, *niilista*, *naturalista*, etc (GEIGER, 1959).

Nas obras **Reconstruction in Philosophy**⁷ e **Experience and Nature**⁸, Dewey desenvolve um esforço crítico de objeção à epistemologia tradicional por meio da crítica à noção de *conhecimento* entendido como representação que a mente faz da realidade. Ele se opõe ao dualismo mente *versus* conhecimento, principalmente na teoria da *verdade como cópia da natureza*, que visa associar a verdade com a expressão fidedigna da coisa representada.

A noção que Dewey oferece para superar os dualismos da filosofia tradicional tem como ferramenta principal a inteligência atuando no sentido de resolver problemas e fornecer sentido, num *contínuo fluxo da experiência*. Com essa categoria ele reconhece a força vital que impulsiona os organismos na atividade de produção da vida. Portanto, influenciado pelos estudos do evolucionismo e em particular pelos esquemas darwinistas, Dewey desenvolve seu projeto de reconstrução da filosofia com a finalidade de superar a noção clássica de uma racionalidade intrínseca às coisas e doadora de sentido. Assim, pode afirmar que o pensamento surge de uma imperiosa necessidade prática. Essa necessidade prática nos remete à condição humana, que é derivada da interação que o homem estabelece com o ambiente tendo em vista sua sobrevivência.

Assim, Dewey elabora um retrato histórico e científico sobre a formação da consciência humana, como algo não dado, mas sim construída num longo e dramático processo. O homem não é o “dono da razão” ou um ser superior com uma vocação transcendental, mas um organismo que se desenvolveu num contínuo processo de amadurecimento de seus esquemas biológicos, sociais, históricos enquanto atributos de interação ambiental. O conhecimento é um processo natural, não deve ser visto como algo resultante de um sujeito representacionista, mas sim como produto das relações das existências ou dos diversos eventos, ou seja, como um problema natural, que deve ser estudado com base em métodos naturais.

Dewey, assim como James, explica que a metafísica clássica se manteve numa

⁷ Dewey publica, em 1920, o livro **Reconstruction in Philosophy**, edição de Henry Holt & Co., Nova Iorque (obra reeditada em Boston, em 1949, Beacon Press).

⁸ Publica, em 1925, o livro **Experience and Nature**, edição de Open Court Publishing Co., Chicago.

trilha primitiva, presa a um desejo mítico, onde os homens estariam guiados pelos discursos do encantamento, de princípios eternos e perpétuos, sob os quais pudessem repousar diante destes absolutos; *Deus, matéria, razão, energia*. Em contrapartida, defendem que nada para o pragmatismo pode ser tomado como absoluto, nenhuma expressão será usada em definitivo, de cada proposição, de cada palavra, procura-se encontrar seu valor *prático* (JAMES, 1979).

Será no âmbito da teoria da verdade de James que identificaremos os elementos do pragmatismo de Dewey, o qual consiste em formular uma teoria da verdade associada aos seus usos e relações. Conforme a teoria de James assumida por Dewey, mergulhamos na nossa experiência com as crenças que herdamos de nossos ancestrais e com as nossas também. Elas vão determinar o que percebemos; o que percebemos determina o que fazemos; e o que fazemos de novo determina o que experimentamos; assim, as coisas vão se sucedendo. Como frisamos, há um *fluxo contínuo* no qual adicionamos novas experiências, novas informações à nossa ação, e avaliamos se estas adições são dignas ou não. Por isso, os pragmatistas se consideram criadores, uma vez que acrescentam elementos à realidade. Estão preocupados com a realidade desde que ela seja entendida como feitura humana e não pelo seu núcleo sensível ou suprassensível. Entretanto, visando se distinguir da vertente jamesiana, Dewey nomeia o seu pragmatismo de *instrumentalismo*, uma filosofia da ação.

Por essa lógica, a *verdade* deve ser entendida como um acréscimo feito à realidade e não como uma mera cópia da mesma. Dewey argumenta que o conhecimento deriva de uma realidade complexa, marcada por conexões entre as coisas e entre o sujeito e as coisas. O conhecimento não pode mais ser visto como derivado de uma consciência ou de um sujeito representante. O conhecimento é uma ferramenta que tem vários usos, envolvendo o conjunto dos processos de investigação. O que as coisas são é justamente o que se visa saber ao cabo de uma investigação. O termo *conhecimento* deixa de ser apropriado, uma vez que investigação é o termo mais adequado. Segundo Dewey, só faz sentido perguntar sobre como ou o que são as coisas dentro de um contexto de investigação.

Sua filosofia envolve uma permanente rejeição aos conceitos abstratos, categorias apriorísticas, princípios perpétuos, entes transcendentais, etc. Como assevera Dewey, “a função primordial da filosofia é a de explorar racionalmente as possibilidades da experiência; especialmente da experiência humana coletiva.”

(DEWEY, 1959). Ele concentra seus esforços na tarefa de negar que o pensamento possua fundações estáticas, perpétuas, imutáveis. Dewey rejeita os projetos filosóficos que busquem verdades eternas. Para ele, esse tipo de filosofia que depende de uma herança platônica é simplificadora, uma vez que tudo aquilo que não pertence ao esquema da imutabilidade, da ordem, da necessidade ou da perfeição é considerado inferior e reduzido à aparência, ao secundário, ao errôneo, ao ilusório. Estes sistemas filosóficos antigos não atendem às necessidades da moderna sociedade, pois “refletem as concepções pré-científicas do mundo natural; a situação pré-tecnológica do mundo da indústria e a situação pré-democrática do mundo político em que suas doutrinas tomaram forma” (DEWEY, 1959).

O conceito de *experiência* é central na obra de Dewey. A experiência não pode ser vista como distinta da natureza, ela é algo que penetra a natureza e aí se expande sem limitações. Tudo que existe é resultado de um processo de relações mútuas, pelos quais os corpos agem uns sobre os outros, modificando-se reciprocamente. O pragmatismo de Dewey não separa a *natureza* da *experiência* (DEWEY, 1979). Esses conceitos foram tomados como incompatíveis pela tradição filosófica, uma vez que, de acordo com ela, a experiência é descrita como algo não natural. Desse modo, essa tradição impôs uma separação entre a experiência humana e a natureza. Dewey assume o desafio de reverter essa noção e pensar um *naturalismo empírico* ou um *empirismo naturalista*, ou ainda, como ele também denomina essa tendência, um *humanismo naturalista*, cuja tarefa é a de se opor a uma tradição que vê como absurda a associação entre a natureza e a experiência.

Dessa maneira, Dewey considera que tanto o racionalismo quanto o empirismo separam os conceitos *experiência* e *natureza*. Para os racionalistas, a experiência é não apenas algo acidentalmente superposto à natureza, mas forma um véu ou tela que nos separa da natureza, a menos que possa ser “transcendida”. Para os empiristas, a experiência também é apresentada em situação desvantajosa, neles a “natureza é pensada como algo completamente material e mecanicamente determinado” (DEWEY, 1979).

A propósito da teoria instrumentalista de Dewey, convém lembrar que para ele não importa o nome que atribuamos à nossa capacidade racional, a *razão* ou a *inteligência* correspondem às manifestações de nossas interações com o ambiente quando visamos a um fim, primordialmente à sobrevivência e ao gozo dos bens

naturais. Os estágios do pensamento são aspectos funcionais da solução prática de problemas, à medida que os homens encontram instrumentos mais eficazes para interagir com o mundo.

Ao propor uma nova maneira de fazer filosofia, Dewey mostra que ela poderia ter-se dedicado ao estudo da experiência vivida, mas esteve sobrecarregada e saturada com o seu legado de produções da reflexão de gerações passadas. Ela esteve “ocupada” com suas interpretações, sistematizações, classificações, devido ao pensamento sofisticado da tradição. Para superar essa situação, será exigida uma *Reconstrução da Filosofia* nos moldes propostos por Dewey, para que essa sabedoria possa superar o tradicionalismo naquilo que ele tem de inadequado e resgatar na tradição as filosofias históricas e do devir, que tiveram mais sucesso na explicação e no oferecimento de resultados para ajudar na ação do homem no mundo.

Observações Finais

Mostramos a cena filosófica de surgimento do pragmatismo, através de uma caracterização dos *pragmatistas clássicos* (James, Peirce, Dewey). Nosso propósito foi investigar as teorias pragmatistas da verdade, nas versões de seus principais propositores para nos auxiliar na reflexão sobre o problema de filosofia da educação de base pragmatista. Adotei como recurso considerar o pragmatismo como uma alternativa à metafísica clássica e ao agnosticismo, ou mesmo considerar como queriam seus autores, que o pragmatismo se constitui num método para assentar as disputas metafísicas. As principais categorias intelectuais como experiência, conhecimento, verdade, natureza são mostradas pela ótica de uma filosofia da experiência. Destacamos a posição de Peirce na constituição de uma teoria do significado, e na versão de William James aprofundamos a investigação sobre o método pragmático e a maneira como ele se opõe aos dualismos da filosofia tradicional. Através desse percurso compreendemos melhor as ideias de Dewey no tocante ao objeto principal da reflexão a reconstrução social da filosofia em benefício de uma filosofia da educação pragmatista.

REFERÊNCIAS

DE WAAL, Cornelis de. **Sobre Pragmatismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
DEWEY, John. **Experience and Nature**. 2ª edição. New York: Dover publications, 1958.

- _____. **Experiência e Natureza**. 2ª edição. Trad. Murilo Otávio Paes Leme, Anísio S. Teixeira, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. **Essays in experimental logic**. 2. Ed. Chicago: Chicago University Press. 2004.
- _____. **Reconstrução em filosofia**. 2ª edição. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nacional, 1959.
- _____. **Reconstruction in Philosophy**. New York. Henry Holt and Company, 1957.
- _____. **Vida e Educação**. 10ª edição. Trad. Anísio S. Teixeira. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1978.
- EDMAN, Irwin. **John Dewey: sua contribuição para a tradição americana**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1990.
- JAMES, William. **Pragmatismo e outros textos**. 2ª edição. Trad. Jorge Caetano da Silva e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective - a reassessment**. N. York; Toronto; London: Mc Graw-Hill Book Co., 1958.
- PEIRCE, Charles Sanders. De pragmatismo ao pragmaticismo. In: **Semiótica**. 2.ed. Trad. Jose Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva. 1990.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos coligidos**. Tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 8. (Coleção Os Pensadores).
- RORTY, Richard. **Philosophy and the Mirror of Nature**, Princeton: Princeton University Press, 1979.
- SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.